

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

FRANCINE MÜLLER

**O NOVO PERFIL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – SUAS
RELAÇÕES SOCIAIS E APRENDIZAGENS**

Tramandaí

2023

FRANCINE MÜLLER

**O NOVO PERFIL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – SUAS
RELAÇÕES SOCIAIS E APRENDIZAGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial e
obrigatório para a obtenção do grau de
Licenciada em Ciências Sociais pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a D.ra Marlise Amália
Reinehr Dal Forno
Coorientadora: Prof^a Ma. Yara Paulina
Cerpa Aranda

Tramandaí
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Müller, Francine
O novo perfil dos alunos da educação de jovens e adultos - suas relações sociais e aprendizagens / Francine Müller. -- 2023.
48 f.
Orientadora: Marlise Amália Reinehr Dal Forno.

Coorientador: Yara Paulina Cerpa Aranda.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais, Tramandaí, BR-RS, 2023.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Relações sociais. 3. Educação. I. Reinehr Dal Forno, Marlise Amália, orient. II. Paulina Cerpa Aranda, Yara, coorient. III. Título.

FRANCINE MÜLLER

**O NOVO PERFIL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – SUAS
RELAÇÕES SOCIAIS E APRENDIZAGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno

Coorientadora: Prof^a Ma. Yara Paulina Cerpa Aranda

Data de aprovação:

24 de janeiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof^a. D.ra MARLISE AMÁLIA REINEHR DAL FORNO

Prof^a. D.ra DANIELA GARCEZ WIVES

Prof^a. D.ra GABRIELA DIAS BLANCO

DEDICATÓRIA

Seria impossível pensar na construção deste trabalho sem os alunos adultos com quem convivi nos últimos meses. Alunos que, com toda certeza, me ensinaram muito mais do que imaginam e que inspiraram a seguir pensando sobre a Educação de Jovens e Adultos e suas implicações práticas e mais próximas de nossa realidade - como as questões referentes ao acesso e permanência desses alunos na Escola. Por isso dedico essa pesquisa a cada um que, de uma forma ou outra, participou de uma caminhada bastante gratificante e que enriqueceu a minha vida profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos alunos e equipe diretiva do Instituto de Educação General Flores da Cunha pela acolhida e confiança para a realização dos estágios obrigatórios e desenvolvimento da pesquisa que resultou neste trabalho de conclusão de curso.

Estendo a gratidão a minha equipe diretiva, em especial à vice diretora, professora Franciesca e à orientadora, professora Karin – que desde o início compreenderam que um pedacinho do meu tempo precisaria ser destinado às atividades universitárias. O apoio, o incentivo e principalmente a amizade de vocês ajudou a chegar até o final do Curso. Gratidão Karin, minha amiga, pela paciência e cada abraço, cada risada quando eu só queria sair correndo!

Em muitos momentos ao longo do curso uma colega de trabalho também me estendeu a mão e abriu as portas de suas salas de aula para que eu pudesse retomar o conteúdo e trabalhar como aluna que continuo sendo. Gratidão Joice, minha amiga querida e professora brilhante! A tua força é inspiração!

Muito obrigada também a minha amiga Carol! Que SEMPRE esteve comigo em todos esses anos em Porto Alegre. Que segurou a minha mão quando eu mais precisei e que faz parte, cada vez mais, da minha vida. Gratidão por cada empurrão e por nunca ter me deixado desistir. Gratidão por ser minha amiga, irmã e agora também comadre - sim, eu ainda ganhei uma afilhada linda de presente de formatura!

Agradeço cada encontro, cada palavra das professoras Marlise e Yara – as melhores orientadoras possíveis em um processo que pode ser tão complexo, mas que foi bem diferente, com maior calma e ao mesmo tempo prazeroso. Dois presentes que não me deixaram desistir e que sempre estiveram por perto, orientando e buscando respostas quando mais precisei. Aprendi muito em tão pouco tempo e só tenho a agradecer por tê-las nesse processo de construção.

Em um curso à distância que ainda enfrentou um período pandêmico a união foi mais do que necessária para que pudéssemos seguir até o final. Uma verdadeira equipe foi se desenhando e conseguimos, alcançamos nosso objetivo maior – a graduação em Ciências Sociais. Por isso não posso deixar de lembrar das chamadas de vídeo, das trocas de mensagens lembrando os prazos de entrega de trabalhos e dos almoços nos intervalos das atividades presenciais. Gratidão Flávia, Éder, Marcos e Rômulo, que definem bem o que é ser colega e estar sempre próximo apesar da distância.

O sentimento de gratidão é ainda mais forte quando lembro do papel da minha família. Cresci com exemplos lindos de dedicação à sala de aula e aos alunos: minhas amadas professoras e madrinhas Vânia e Vera – modelos que até hoje me pego seguindo em diferentes momentos do dia na escola – e talvez por isso goste tanto de estar com os alunos na hora do recreio ou pelo pátio. Gratidão à minha querida tia Nina, que sempre deixou claro o orgulho em ter uma sobrinha socióloga e acompanhou e vibrou, mesmo por telefone e de longe, cada etapa dessa jornada.

Não tenho mais a presença física de minha mãe – que estaria muito feliz com mais uma formatura. Mas essa falta fez com que um trio ficasse ainda mais próximo, por isso não posso deixar de agradecer muito aos meus irmãos Vanice e Henrique – sempre pacienciosos (principalmente quando precisava me esconder um quarto para estudar ou do computador emprestado para assistir uma aula). E, é claro, ao meu pai, João Felipe, que me ensinou que a educação é a única coisa que ninguém vai me tirar. E é verdade. Já perdi muito. Mas a educação e o conhecimento seguem comigo. Muito obrigada, pai.

RESUMO

As políticas públicas nacionais que dizem respeito à Educação de Jovens e Adultos têm preocupações genuínas quanto à oferta de vagas e o acesso dos alunos. Mas é preciso pensar também sobre quem é o aluno e em como colaborar para sua permanência até a conclusão dos estudos. Com foco na caracterização do novo perfil do aluno, este trabalho apresenta relatos de experiências docentes na educação de adultos que voltaram às salas de aula em espaços de tempo bastante diferentes: no início dos anos 2000 e agora, no ano de 2022. A experiência atual diz respeito ao convívio e interação com alunos do Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos em uma escola da rede pública de ensino na cidade de Porto Alegre e, por meio de uma abordagem etnográfica a pesquisa ainda procura relacionar a qualidade da aprendizagem às relações sociais construídas em sala de aula.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos; abordagem etnográfica; relações sociais.

ABSTRACT

The national public policies regarding youth and adult Education have genuine concerns about the availability of vacancies and student access. But it is also necessary to think about who this student is and how to collaborate to their permanency until the end of the studies. Focusing on the characterization of the new student profile, this work presents reports on the teacher's experience in adult education who returned to the classrooms in very different periods of time: in the early 2000s and now, in 2022. The current experience concerns living and interacting with High School students in Youth and Adult Education in a public school in the city of Porto Alegre and, through an ethnographic approach, the research still seeks to relate the quality of learning to the relationships built in the classroom.

Key words: youth and adult education; ethnography; social relationships.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional
SMED	Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MINHA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	14
3 OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	24
3.1 A EJA NO BRASIL.....	24
3.2 O APRENDER.....	31
3.3 O ENSINAR.....	32
4 A EXPERIÊNCIA DE UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA.....	35
4.1 SOBRE O RETORNO À ESCOLA	37
4.2 SOBRE TRABALHO, FAMÍLIA E ESCOLA	38
4.3 SOBRE SER E TER COLEGAS.....	39
4.4 SOBRE APRENDER E CONSTRUIR RELAÇÕES EM SALA DE AULA.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O acesso à educação é um dos direitos fundamentais dos indivíduos e que não se restringe aos espaços escolares e pode colaborar para a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos quando desenvolve capacidades argumentativas e questionadoras nas trocas com o outro. A educação vem assumindo papel socializador nas relações com o outro, ao mesmo tempo em que a Escola se coloca como um espaço de trocas e construções que interferem em diferentes aspectos da vida humana. E estas são ações que podem participar da rotina de trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto modalidade de ensino cada vez mais presente na realidade de alunos que conciliam estudo e trabalho. Isso já não significa apenas a retomada de experiências de convívio escolar, mas também pode ser espaço de ressignificação dos processos educativos e de experimentações acerca da realidade educacional e profissional dos envolvidos.

A EJA poderia ser vista apenas como uma oportunidade para concluir os estudos, mas é bem mais que isso quando se apresenta como uma oportunidade de retomada, de reconstrução e de novas possibilidades a partir da volta à sala de aula e do contato com processos de ensino e aprendizagem. E, após tantos anos de oferta de ensino a jovens e adultos, este trabalho se propõe a analisar o perfil atual dos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (turmas de Ensino Médio), priorizando aspectos como a idade e o período em que deixaram de frequentar o ensino regular até o ingresso nessa modalidade de ensino. Sua relação com colegas e professores também será considerada, relacionando inclusive com as aprendizagens construídas ao longo do processo. A EJA é uma modalidade de ensino onde o acolhimento e a compreensão dos envolvidos é fundamental para que as construções sejam significativas tanto aos professores como aos alunos.

Em abril de 2000 iniciei minha vida profissional na educação, assumindo a disciplina de Língua Portuguesa em três turmas de uma escola da rede estadual no município de Taquara – um início interessante para quem estava apenas no primeiro semestre do Curso de Pedagogia e que até então não havia se permitido sequer pensar naquela profissão. O que eu não imaginava é que aquelas turmas de 5^o série acabaram sendo responsáveis por experiências que

ainda hoje me definem como educadora, pois foi ali que a experimentação deu lugar à prática e transposição da teoria para a realidade de sala de aula..

Logo em seguida assumi outras turmas em turnos e escolas diferentes, mas ainda atendendo alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Alguns anos depois recebi o convite para trabalhar com alunos do Ensino Médio no turno da noite – alunos em sua maioria adultos e que procuraram a escola para finalizar seus estudos objetivando também a qualificação profissional. E essa oportunidade de convivência com um outro público foi muito diferente e rica, trazendo diferentes olhares para quem ainda estava iniciando na educação e tinha como referência o trabalho com crianças e adolescentes que não tinham outra responsabilidade a não ser os estudos.

Compreendo hoje que a educação para adultos é um processo de ensino que exige abordagens diferentes, com planejamentos que alcancem pessoas que, por muitas vezes, retornam às salas de aula depois de algum tempo ou que tem dificuldades em continuar com os estudos. E essas particularidades trazem não só complexidade mas também desafios diários de reconstrução, ressignificação e adequação de estratégias de ensino e aprendizagem, por isso a oferta de formação na área e de cursos de extensão que tenham relação com as práticas na EJA são tão importantes e podem não só embasar o trabalho dos educadores mas também fornecer informações atualizadas quanto à legislação e as diferentes realidades que participam do ensino de jovens e adultos em todo o território nacional. Organizar e aplicar planejamentos didáticos que atendam alunos adultos fez com que essa vivência fosse ainda mais significativa pois abriu espaço para que questões de vínculo e de relacionamento entre professora e alunos fossem abordados de uma nova forma, com olhar diferente quanto ao significado que os alunos atribuem à escola nessa fase de suas vidas.

E, por meio de um trabalho que associa a análise de referencial teórico a uma abordagem etnográfica – metodologia escolhida em função das possibilidades de usos em sala de aula com o acompanhamento das rotinas escolares - serão desenvolvidas análises sobre a convivência, o comportamento e os costumes dos grupos de alunos em questão. A partir dessa análise da realidade, o que se procura através desta pesquisa é a compreensão sobre as

relações sociais que são construídas nos processos de aprendizagem da EJA, com ênfase nas relações de vínculo que foram estabelecidas ao longo das aulas entre colegas e também junto aos professores.

A observação de aulas do Ensino Médio e o acompanhamento da rotina dos alunos foi o ponto de partida para um projeto de trabalho que objetiva também identificar o perfil atual do aluno da EJA em uma escola da rede pública de ensino de Porto Alegre ao mesmo tempo em que eles mesmos percebam se a convivência e as relações construídas podem ou não interferir em seus processos de aprendizagem. A consulta a autores como Paulo Freire, Miguel Arroyo e Maria Clara Di Pierro caracteriza a base do projeto e fundamenta a preparação para um outro momento da pesquisa, que se constituiu de observações frequentes de duas turmas de Ensino Médio e, no mesmo período, rodas de conversas com alguns desses alunos que aceitaram participar.

As observações aconteceram periodicamente em uma Escola de Ensino Médio que oferece vagas em diferentes etapas de ensino nos três turnos de trabalho e está localizada no Bairro Santa Cecília, logo em frente à paradas de ônibus que atendem a comunidade desde os bairros até a região central da cidade de Porto Alegre. A localização é privilegiada nesse sentido, pois muitos alunos saem direto do trabalho para as aulas noturnas e necessitam de vias de fácil acesso tanto na chegada à escola como no retorno para suas residências. São alunos que, em sua maioria atuam no comércio ou setor de serviços e muitos ainda estão na informalidade, então faz-se necessária uma organização no sentido de locomoção e até mesmo de oferta de merenda escolar para aqueles que passaram o dia envolvidos em atividades profissionais.

Este trabalho é apresentado a partir de uma experiência pessoal na educação de jovens e adultos, possível após a participação em uma formação de educadores para atuar na modalidade. Um dos capítulos será dedicado aos apontamentos quanto ao referencial teórico relacionado ao tema e que embasará as considerações finais após os registros da experiência de pesquisa de campo sob uma abordagem etnográfica. Com a conclusão pretende-se apresentar as impressões e considerações quanto aos objetivos inicialmente propostos e verificar se o problema de pesquisa foi atendido.

2 MINHA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Depois de alguns anos atuando na alfabetização de alunos matriculados no ensino regular chega o convite para participar, entre os anos de 2002 e 2003, de uma Formação de Professores para o trabalho na Educação de Jovens e Adultos (EJA) promovida pela Prefeitura Municipal de Taquara em parceria com a Faculdade de Educação de Taquara. Na oportunidade foram convidados a participar os educadores com alguma experiência na educação de jovens e adultos ou com interesse em atuar em futuras turmas de EJA que seriam implementadas pelo município à noite em diferentes espaços, priorizando trabalhadores que não puderam finalizar os estudos na idade certa. A participação na formação foi incentivada pela rede e pelas escolas, que alteraram os calendários para que o maior número de professores pudesse acompanhar as aulas e oficinas na Faculdade durante os meses em que transcorreu. A convivência, por meses, com educadores que também acreditavam e defendiam a necessidade de compreender que era preciso pensar sobre currículos flexíveis e adaptados a realidades diversas, ajudou a fazer daquele um grupo de idealistas que se propôs a continuar buscando conhecimento sobre essa modalidade de ensino e sobre o papel dos educadores seja nos processos de ensino ou na construção de relações que colaborem tanto na aprendizagem como na formação social dos envolvidos.

No último semestre da formação a rede municipal de ensino deu início ao processo de divulgação de turmas de EJA das séries finais do Ensino Fundamental tanto no perímetro urbano como na área rural – que hoje já conta com mais e melhores escolas para atender crianças e adolescentes mas que ainda não consegue receber os alunos adultos. As aulas aconteceriam em escolas da região central da cidade no período da noite e os alunos poderiam contar com transporte escolar para deslocamento tanto na ida quanto no retorno as suas residências – o que ajudou na procura pelas vagas oferecidas. Muitas matrículas garantiram um semestre que, inicialmente, ofereceu aulas para turmas de 5^a até 8^a séries e recebeu alunos com idades entre 16 e 72 anos e que contavam com uma média de 20 estudantes com objetivos parecidos, relacionando a conclusão dos estudos a melhores colocações profissionais.

Chamava atenção que as turmas de 5ª e 6ª séries eram de maioria masculina e bem mais jovens, com idades até 30 anos, enquanto que nas demais turmas as mulheres eram a maioria e as idades mais avançadas, com a grande parte dos alunos acima de 50 anos. Em uma primeira análise as turmas mais jovens foram caracterizadas por alunos que haviam deixado a escola há pouco tempo, seja por abandono ou pela necessidade de trabalhar para ajudar a família. Eram alunos que ainda não conseguiam atribuir significado à escola, que não sentiam-se parte daquele universo e que desconsideravam as chances de continuar com os estudos já que, muitas vezes, não conseguiram acompanhar os conteúdos e reprovaram, mas que agora já adultos e por motivos distintos, sentiram-se confortáveis em voltar para concluir os estudos.

As turmas de 7ª e 8ª séries apresentavam características diferentes, com sua maioria composta por mulheres mais velhas e chefes de família, que passavam o dia trabalhando e chegavam à escola na esperança de finalizar os estudos. Lembro que os relatos dessas alunas eram muito parecidos ao citar o abandono da escola para trabalhar e ajudar a família ou então para criar irmãos ou filhos. Algumas alunas relataram ainda que na região onde moravam não havia oferta de séries finais e nem transporte escolar para outras escolas.

Nossa rotina de aulas foi organizada para que os alunos fossem atendidos de segunda a quinta-feira e as noites de sextas-feiras reservadas para as reuniões de professores com a equipe da Secretaria Municipal de Educação (SMED). Pode parecer até um exagero pensar que uma noite era destinada apenas para encontros entre professores, mas na realidade aqueles momentos passaram a representar espaços de discussão sobre nossas práticas e uma extensão da formação da qual acabáramos de participar. Quando a equipe da SMED estava presente eram revistos aspectos administrativos e pedagógicos como a frequência dos alunos, a construção do currículo da EJA e o incentivo ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares – que na época era uma prática ainda não tão conhecida e estava chegando às escolas. A partir do registro diário de frequência a equipe procurava buscar os motivos das faltas relatadas e, quando possível, ajudar a resolver as questões que poderiam impedir a presença em aula. Dependendo da situação recebíamos orientação para envio de atividades para casa ou até oferta de aulas de recuperação aos sábados,

possibilitando o esclarecimento de dúvidas a esses alunos. Os encontros também foram bastante produtivos para que o currículo das séries finais fosse discutido e construído para a educação de jovens e adultos. É importante lembrar que essa é uma ação que não diz respeito apenas aos alunos, mas também à organização das aulas – com horas/aula adaptadas ao período semestral e com espaço para investigação quanto ao que o aluno já sabe e traz para a sala de aula.

O diagnóstico foi importante tanto para os professores como para os alunos e, na EJA, é também parte fundamental de uma modalidade de ensino que precisa entender quem é seu aluno para que o currículo seja desenvolvido com objetivos claros e conexos com a realidade. E muito do que se construiu naquele semestre teve relação com a experimentação e a reavaliação constante de nossa prática em um trabalho conjunto entre todo o grupo de professores e a supervisão da Escola. Faz-se necessário registrar que a equipe pedagógica que acompanhou nosso trabalho também participou da formação de professores e isso fez diferença em todas as etapas, pois estávamos apoiados sob as mesmas perspectivas para que se cumprisse com as diretrizes curriculares ao mesmo tempo em que a teoria estudada era aplicada em nossos planejamentos didáticos.

Quando os encontros envolviam apenas os professores e a coordenação da Escola a organização era um pouco diferente, priorizando a troca de experiências sobre nossas práticas e a construção de um projeto curricular flexível e, ao mesmo tempo, integrado com as matrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos – material que estávamos aprendendo a transpor para a prática diária. Nesses momentos não havia distinção entre as áreas de conhecimento ou a série com a qual trabalhávamos, mas sim um compartilhamento de práticas que poderiam ou não ser apoiadas em diferentes disciplinas e que serviram de base para o início de um currículo próprio que mais tarde foi aplicado em outras turmas de EJA que foram abertas nos anos seguintes. É claro que nem sempre as experiências foram positivas e isso também contribuiu para estabelecer inclusive critérios avaliativos ao nosso trabalho enquanto educadores de jovens e adultos mas em geral, esse espaço

de fala que se construiu naturalmente foi uma oportunidade de discutir o novo, o que estávamos aprendendo a desenvolver a partir de erros e acertos e do que se considerava necessário para uma prática coerente com aquilo que acreditávamos.

Um ponto positivo desse processo é que todos os educadores participaram da mesma formação e, ao longo do semestre, compartilharam dos mesmos objetivos, vivenciaram dúvidas muito parecidas e questionaram uns aos outros sobre quais caminhos seguir e como resolver os conflitos que fizeram parte daquele período. Nós, professores, ganhamos muito naquele curto espaço de tempo em que nos propusemos a colaborar para que a modalidade de ensino que atenderia jovens e adultos que não concluíram seus estudos na idade certa fosse implementada e oferecesse ensino de qualidade aos interessados. Tínhamos consciência de que era apenas um começo, mas que seria a partir de nossas discussões que a EJA poderia buscar sempre o melhor para aqueles alunos, pois também fomos acolhidos e apoiados em nosso trabalho e isso certamente se refletiu na relação com os alunos e demais professores.

Trabalhei com todas as turmas e fui responsável, na época, pela regência da disciplina de Língua Portuguesa, que tem uma carga horária maior e isso possibilitou uma convivência melhor com os alunos. Não havia enturmação, mas mesmo assim as turmas de 5ª e 6ª séries apresentavam características semelhantes, pois eram formadas por alunos mais jovens e que estavam há menos tempo longe da escola. E aqui o trabalho foi dividido em duas partes, sendo a primeira destinada ao diagnóstico, sem preocupação com conteúdos mas sim com atividades que procuravam acolher esses alunos e valorizar o conhecimento que trouxeram para a sala de aula, deixando claro sempre que aquele seria o ponto de partida para nosso trabalho. No segundo momento passamos a relacionar o conteúdo as suas vivências além da sala de aula, colocando em pauta os interesses pessoais, o trabalho e demais aspectos da rotina diária como fontes para sequências didáticas que foram desenvolvidas ao longo do semestre.

As avaliações, conforme orientação da equipe de supervisão da escola, eram contínuas, considerando não só o resultado das tarefas mas também a participação dos alunos na construção dos projetos propostos. Esse talvez fosse o ponto mais sensível desde o início da formação até a regência das aulas,

pois muitas vezes a ação de avaliar está ligada a atribuição de conceitos baseados em notas que definem se o aluno alcançou ou não os objetivos propostos quando na verdade uma nota não necessariamente corresponde ao que foi construído e aplicado em aula. Por isso foi fundamental que as noções de avaliação fossem reconstruídas primeiro entre os professores para que as atividades em sala de aula não representassem apenas um caminho até a nota final.

Na 7ª série o trabalho foi um pouco diferente, pois a turma era formada por uma maioria de alunos que estava há mais de dez anos fora da escola e chegava ali com muitos questionamentos até sobre como se portar dentro da sala de aula. Foi um processo inicial marcado pela desconstrução da imagem tradicional que aquele espaço representava para a turma e que colocava o professor como aquele que sabia e eles, os alunos, em um lado oposto e bem abaixo da figura do professor. A turma chamou atenção por essa característica coletiva, que acabava por desvalorizar quaisquer tentativas de diagnóstico inicial e foi tema de algumas de nossas reuniões com a equipe pedagógica a fim de encontrar um denominador comum para que se construísse um trabalho que procura se desmistificar a escola e tudo que a ela se relaciona.

Com uma lista de chamada de cerca de trinta alunos matriculados e frequência média de dezoito alunos, sendo a maioria mulheres chefes de família e trabalhadoras, esse não foi um trabalho simples e rápido, exigindo inclusive busca de apoio na equipe que trabalhou conosco durante a formação. Um exemplo da resistência em perceber que o diferente também pode ser correto foi a noite em que chegamos mais cedo e organizamos a sala para que, ao invés de sentar em fileiras, a turma encontrasse as classes dispostas em pequenos grupos. Mas quando os alunos chegaram à escola organizaram a sala da forma tradicional sob a justificativa de que precisavam deixar tudo pronto para não atrasar o primeiro período. A partir daí as abordagens foram diversificadas, incluindo até a integração de áreas de conhecimento em um mesmo período, onde dois professores passaram a construir um projeto de trabalho conjunto e a turma iniciou um processo de construção e apropriação de sua autonomia que foi necessário e ao mesmo tempo motivador para as etapas seguintes. Alguns

apresentaram maior resistência à mudança, mas com o passar do tempo a integração entre alunos e professores passou a ser parte das aulas e fez com que os alunos também construíssem suas relações, colocando a afetividade como um elo entre os envolvidos.

Depois de tantos anos longe da escola a ideia de participar de uma cerimônia de formatura parecia ainda muito distante dos alunos matriculados na 8ª série, mas que já nas primeiras semanas de aula passou a ser algo mais concreto e possível para aquele grupo de alunos com realidades tão diversas. Com frequência média de quinze alunos e formada por uma grande maioria feminina (doze alunas), a turma reunia adultos com idades entre 40 e 70 anos que colocavam a necessidade de buscar emprego para ajudar a família como motivo para deixar os estudos. E, com alguns alunos há mais de vinte anos sem frequentar a escola, o ponto de partida foi o acolhimento e a reintegração à sala de aula, um espaço que, por direito, sempre foi deles. Por isso, as primeiras semanas foram dedicadas às apresentações individuais que destacaram alunos e suas profissões, famílias, histórias de vida e anseios sobre o retorno à escola. Não havia horário discriminando as disciplinas de cada noite, mas sim encontros com os professores para essa troca de experiências e construção de um livro da vida dos alunos da 8ª série. E foi a partir desse projeto que o grupo passou a se identificar como turma, com relações mais próximas e demonstrações regulares de cuidado e preocupação entre eles. Algumas alunas, por exemplo, levavam lanche aos que chegavam direto do trabalho, outras trocavam roupas para os filhos e alguns ainda combinavam encontros aos finais de semana para grupos de estudos.

A idade não os definiu e cada um passou a ser fundamental para o todo. O que chamava atenção é que os colegas construíram relações para além da escola e isso sinalizou aos professores a necessidade de trabalhar também sobre o encerramento do semestre, pois não havia espaço para conversar sobre a conclusão do ensino fundamental. Mas o momento chegou e com ele as discussões sobre a realização ou não de uma cerimônia de formatura passaram a fazer parte de um novo projeto que surgiu da necessidade de trabalhar para a preparação da continuação dos estudos com o ingresso no Ensino Médio. Os relatos da turma, de que os próprios familiares questionavam a participação de

“velhos” em uma formatura de escola e que provavelmente não deveriam comparecer foram impactantes, já que essa fala era diferente da vontade da turma. Por isso os planejamentos do final do semestre acabaram unificando o conteúdo curricular à construção de uma formatura que representasse a turma e respeitasse sua vontade. A primeira turma da educação de jovens e adultos do município a concluir o ensino fundamental decidiu que a formatura aconteceria mas que seria em uma das noites de aula e teria como convidados de honra todos os alunos das demais turmas. Os formandos criaram o convite com essa informação destacada e, ao entregar em cada uma das salas, deixaram claro que gostariam que nenhum aluno desistisse e pudesse chegar até esse momento de festa. Acredito que nenhum outro projeto de socialização ou incentivo teria alcançado o que aquele gesto fez por todo o grupo e foi fundamental para que muitos continuassem com os estudos no semestre seguinte.

Desde o início da formação de professores ouvi que o trabalho com a educação de jovens e adultos seria mais um desafio e poderia ressignificar minhas práticas e conceitos quanto aos processos de ensino e aprendizagem. Mas hoje, quase duas décadas posso afirmar que a experiência com esse primeiro semestre de trabalho na educação de jovens e adultos representou um reinício na minha relação com a educação. Parece complexo, mas a compreensão sobre aprendizagem em crianças é um movimento natural, visto que a primeira infância já é um período de descobertas que repercute nos anos seguintes. Para descobrir é preciso pesquisar e instigar a curiosidade – ações comuns ao universo infantil que partem do conhecimento concreto para a teoria sem perder o interesse enquanto que adolescentes conservam o foco naquilo que prende sua atenção, naquilo que consideram parte de suas vidas.

O educador de cada nível de ensino precisa, além do conhecimento sobre sua área de atuação, ter clareza sobre como seu aluno aprende e que estratégias adotar para que a aprendizagem aconteça de forma significativa. Mas pensar sobre a aprendizagem não diz respeito apenas ao conteúdo ou à formação dos educadores, já que envolve aspectos sociais como a convivência, o respeito às regras e a confiança. A educação para jovens e adultos não difere em nada desses processos, pois depende da construção coletiva e da relação de trocas entre educadores e alunos, mas que precisa, antes de qualquer outra

ação, ser embasada na confiança, no vínculo entre as partes. Essa experiência só fortaleceu a ideia de que a relação humana participa dos processos de ensino ao mesmo tempo em que interfere nas trocas entre os alunos e entre estes e seus professores.

Desde o nascimento passamos a aprender pelo exemplo e pela convivência com o outro e, a partir do conjunto de informações que agregamos às nossas vidas, experimentamos o que serve e o que não atende às necessidades de determinadas situações. Mas nenhuma dessas ações foi realizada sozinha pois o ser humano é dependente a seus iguais desde os primeiros segundos de vida – dependência que inicialmente se relaciona à sobrevivência mas que, com o passar dos anos, vai adquirindo novas características e passa a se relacionar com a imagem, o espelho sobre o que aqueles com quem convivemos representam em nossas vidas.

Se admiramos alguém, com certeza procuraremos seguir seus passos enquanto que sentimentos como discordância, indiferença ou desgosto podem aparecer quando se trata de personalidades ou ações daqueles com quem não há a mesma identificação. Mas como aqui o assunto é a escola e tudo o que diz respeito a esse universo, se pensarmos em nossa história com certeza poderemos elencar as aulas e professores que mais nos interessavam, os colegas que queríamos ter por perto e situações onde nos sentimos bem com determinados grupos. E quase que ao mesmo tempo há o contraponto, com as informações sobre aulas, colegas e professores que aparentemente não nos marcaram de forma positiva ou que foram indiferentes ao longo do tempo – o que também faz parte dos sujeitos que somos hoje e está tudo bem. As experiências vivenciadas na escola foram parte da construção de cada um dos envolvidos, sejam alunos, professores, funcionários e até mesmo os pais e responsáveis e isso ajuda a fomentar a preocupação com a forma como as pessoas se relacionam entre si no ambiente escolar e o quanto isso pode interferir na aprendizagem ou na dificuldade em compreender o conteúdo.

O trabalho na EJA não é tarefa simples justamente porque não aceita, como em qualquer outra modalidade de ensino, uma receita pronta que já tenha sido aplicada em outra situação. Trabalhar com alunos adultos exige mais do que conhecimento acadêmico, exige que o educador trabalhe primeiro para conhecer seus alunos e seu papel dentro do processo de ensino e considere o

que já se sabe antes de avaliar o novo. E foi com essa relação mínima de confiança que nosso grupo de professores precisou aprender a construir para então passar a conhecer e até mesmo se reconhecer entre aqueles alunos que chegavam à escola com tantas expectativas quanto dúvidas sobre como ser aluno de novo, como voltar a assumir o papel de estudante depois de tanto tempo fora de um espaço que poderia ser até intimidador. E foi justamente nos espaços entre confiar e aprender e entre confiar e ensinar que as relações sociais desencadearam o afeto, a empatia e a segurança necessários a uma troca que se iniciou tímida mas que, com o passar do tempo, se transformou na base de qualquer planejamento ou transposição didática para aquele semestre.

A mudança de perspectiva de alunos e professores foi nítida e quase que diária, especialmente sobre como podemos aprender ou como podemos ajudar a construir o conhecimento. E acredito que isso tenha feito diferença em cada aula daquele semestre, pois fez com que as novas experiências ocupassem o espaço de conceitos pré estabelecidos e de receios quanto à aprendizagem de jovens e adultos. O curso de EJA seguiu com novas turmas, novos alunos e professores, mas o que marcou aquele nosso período foi o elo entre o grupo, que depois seguiu outros caminhos, mas levou, com certeza, aprendizagens para a vida profissional e pessoal. Ainda pude trabalhar com a EJA em outros momentos e foram situações bem diversas, com alunos bem mais velhos e de áreas rurais da cidade que procuravam a escola para concluir a alfabetização, mas que igualmente desenvolveram relações mais próximas uns dos outros e também com os professores durante os semestres letivos.

E hoje, com uma diferença de cerca de vinte anos desde a primeira experiência, pude retornar para as salas de aula da EJA para realizar os estágios obrigatórios de docência com turmas do Ensino Médio e a realidade encontrada é um pouco diferente, com alunos mais novos e que estão retornando para a escola após pouco tempo fora da sala de aula. As turmas tem maioria feminina e há ainda uma preocupação com alunos especiais adultos que agora também participam das atividades escolares e, em alguns casos, são trabalhadores e pais de família. Pude acompanhar as aulas de duas turmas ao longo de um semestre e agora, trabalhando na regência da Disciplina de Sociologia para o Ensino Médio, percebo que o tempo passou mas a necessidade de construir relações

significativas que vão além do conteúdo curricular não mudou. Pelo contrário, talvez hoje, nesse período pós pandemia, seja ainda mais urgente que os alunos sintam-se parte da turma ao mesmo tempo em que os professores percebam que seus planejamentos podem colaborar para a permanência ou não dos alunos, já que as limitações sociais impostas nesses últimos anos ainda interferem nas relações pessoais em diferentes situações de nossas vidas.

E esses alunos jovens e adultos que precisam também ser acolhidos para sentirem-se parte de uma turma, acabam por aprender muito mais do que é especificado nas diretrizes curriculares para a EJA, desenvolvendo habilidades sociais que podem refletir nos processos de ensino e aprendizagem a partir da convivência com o outro. Por isso a curiosidade sobre a influência das relações na aprendizagem e o quanto a primeira pode ou não interferir na outra, já que estamos tratando de sujeitos adultos e responsáveis por suas escolhas – inclusive aquelas que dizem respeito à sua educação curricular e que serão tratadas a partir de uma abordagem etnográfica a fim de compreender como estão essas relações. Afinal, saber como se fundamenta uma turma pode ser a base para o entendimento quanto a todos os aspectos que dizem respeito a esse grupo, incluindo sua aprendizagem e o significado que atribuem ao processo de ensino que a educação de jovens e adultos pode proporcionar.

3 OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

3.1 A EJA NO BRASIL

A história da educação no Brasil é formada por vários capítulos que contam o caminho percorrido até aqui e acabam por preparar as gerações atuais para compreender como essa construção aconteceu e com base em quais princípios se constituíram. E quando analisamos os sistemas educacionais passados não podemos deixar de associá-los a momentos determinados, ou seja, foram instituídos de acordo com a necessidade e temporalidade. Não quer dizer que simplesmente sejam avaliados como corretos ou não, mas se atenderam às necessidades sociais da região a que se destinam.

A educação é diversa e depende de vários fatores como tempo, país, região e até mesmo ideologia. Se pensarmos na história do Brasil nunca houve espaço ou interesse em que se constituíssem uma sociedade igualitária, sem abismos sociais - ao contrário, parece que a população viveu e ainda vive sob uma necessidade de diferenciação, de divisão em grupos bem distintos. Mas no que diz respeito ao ensino a evolução foi além, com a ciência e a política também colaborando para que a oferta de educação fosse ampliada no que se refere ao ensino formal, caracterizada por processos de ensino onde o professor planeja e aplica sua prática a partir de projeto de estudos preestabelecidos. Mas na prática a educação vai além disso, já que acompanha o indivíduo desde o nascimento quando este observa e necessita do apoio e da instrução de outros para se desenvolver.

O meio social ensina e, de acordo com nossa interação em meios diversos, nossa educação será igualmente diversa e isso diz muito sobre o homem, como afirma Durkheim:

“O novo ser que a ação coletiva edifica em cada um de nós através da educação representa o que há de melhor em nós, ou seja, o que há de propriamente humano em nós. De fato, o homem só é homem porque vive em sociedade. É difícil demonstrar com rigor, em um artigo, uma afirmação tão geral e importante e que resume os trabalhos da Sociologia contemporânea.” (DURKHEIM, p. 58, 1952)

O ser humano é um ser social e, como afirma Durkheim no livro Educação e

Sociologia, as gerações adultas praticam a educação como uma ação sobre as gerações que ainda estão aprendendo a conviver em sociedade. Pode-se dizer então que a educação seria a socialização dos mais jovens - o que talvez já não corresponda ao momento atual, pois aprendizagem não tem relação com idade e uma pessoa mais nova pode trabalhar com educação junto a pessoas mais velhas sem que isso prejudique qualquer relação de ensino. Talvez seja chegada a hora de repensar alguns conceitos.

Se na primeira infância a educação acontece através das ações de pessoas mais velhas, isso não precisa ser visto como único ou ideal caminho nas etapas seguintes. Ainda há que se considerar as experiências e sistemas educativos que já existiram, mas também precisamos repensar e avaliar a partir das necessidades de nossa população. Não há sistema educacional eficiente sem que as práticas educativas sejam coerentes com a realidade da sociedade a qual participa. E de acordo com Durkheim:

“As práticas educativas não são fatos isolados uns dos outros. Porém, para uma mesma sociedade, elas estão ligadas em um mesmo sistema do qual todas as partes contribuem para uma mesma finalidade: é o sistema de educação próprio daquele país e daquela época. Cada povo tem o seu, assim como tem o seu sistema moral, religioso, econômico, etc. Mas por outro lado, povos da mesma espécie, ou seja, povos que se parecem em função de aspectos essenciais de sua contribuição, devem praticar sistemas de educação compatíveis entre si.” (DURKHEIM, p. 79, 1952)

A educação é fundamental quando apresenta às crianças muitas respostas ao mesmo tempo em que constrói novos questionamentos para a vida jovem e adulta. Mas a educação também é um processo social quando insere cada indivíduo em um novo grupo, quando oportuniza a convivência, a experimentação e o desenvolvimento de novas relações humanas. O aluno passa a ser visto, na percepção de Durkheim, como um ser social onde o individual se une a um sistema de ideias de acordo com a sociedade da qual participa e isso só confirma a função social da educação, que desenvolve de forma metódica a socialização de novas gerações - ou de quem não teve acesso a determinado conhecimento no tempo certo. Se em algum momento o ideal humano foi alimentado por sociedades, também dependeu de sistemas educativos que foram constituídos e aplicados em instituições de ensino que, assim como as salas de aula, podem ser caracterizados como fatos sociais. E uma peça fundamental desse sistema é o educador que, ao

conhecer o público com o qual trabalha consegue planejar sua prática a fim de otimizar a aprendizagem apoiado nas teorias que a Pedagogia oferece. Ao buscar compreender como se aprende a Pedagogia se utiliza de teorias educacionais que participam da formação dos educadores ao mesmo tempo em que reflete sobre diferentes aspectos da educação. E, como a aprendizagem do campo é diferente da urbana, diferente do ensino básico e do profissional, a Pedagogia é utilizada sempre que necessário, mas não pode ser confundida com educação, que se caracteriza como a prática das teorias educacionais.

Nem sempre teoria e prática correspondem às necessidades dos envolvidos, por isso é fundamental o papel do pedagogo, que assume a tarefa de conhecer o sistema de ensino de forma ampla para então refletir e avaliar sobre o que pode ser alterado para melhorar o sistema. Mas repensar a educação não precisa ser tarefa restrita apenas da Pedagogia, já que outras áreas também procuram responder aos anseios e necessidades e também compreender o papel e a função da educação enquanto aspecto fundamental à sociedade. Não se pode desconsiderar que um mesmo sistema educacional contém diferentes modalidades quanto sua demanda exige. Por isso não cabe mais no Brasil apenas aos ensinos fundamental e médio espera-se que assim todos os indivíduos em idade escolar sejam atendidos.

Nossa história mostrou que muitos brasileiros não conseguiram seguir com seus estudos por diferentes motivos, chegando a ser tratados como um problema social, já que sem instrução não se adequaram ao mercado de trabalho. Essa perspectiva começou a mudar com a necessidade de rever o ensino, sua eficácia e alcance e fez com que o sistema educacional brasileiro buscasse atender um público que estava fora da sala de aula mas que ainda poderia concluir seus estudos na educação básica. E foi a partir de 1940 que o Brasil passou a ofertar uma educação voltada a adultos como uma resposta a discussões sobre o acesso e permanência na educação para jovens e adultos analfabetos ou que não conseguiram seguir com os estudos. Começa então a se desenhar uma nova modalidade de ensino, a Educação de Jovens e Adultos conhecida como EJA, inicialmente atendendo aqueles que não conseguiram estudar na idade certa e que, em sua maioria, não ingressou no mercado de trabalho formal pois não tinha compreensão de nenhuma área em particular. Reconhecida pela Constituição Federal de 1934 a modalidade teve destaque com o Plano Nacional de Educação,

mas os direitos de acesso e permanência foram estabelecidos apenas na Constituição de 1988. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) número 9394/96 em seu Artigo 37, assegura a gratuidade e o acesso de jovens e adultos às oportunidades adicionais oferecidas pelos sistemas de ensino - sendo o Ensino Fundamental de responsabilidade dos municípios e a idade mínima para o ingresso é de 15 anos eo Ensino Médio, com idade mínima de 18 anos, sob responsabilidade dos Estados Federativos.

Nesse sentido as ações que conseqüentemente venham a desenvolver reflexões sobre a educação para jovens e adultos no país significam que está se pensando em estratégias de combate à pobreza e também de acesso a oportunidades até então impensadas e que possibilitem um futuro diferente a esses alunos. Se em função da falta de políticas públicas e sociais ou de apoio de todas as dimensões que participam da vida dos indivíduos, não foi possível atender um aluno na idade certa, a EJA chega para tentar resgatar quem antes não teve seu direito fundamental atendido. A educação ainda é um dos instrumentos necessários para a reintegração social, fazendo do sujeito um ser social e ciente de seu papel no grupo do qual participa. Aqui em nosso Estado temos o exemplo histórico da educação de jovens e adultos quando pensamos no trabalho de catequização dos padres jesuítas na região das missões, que não deixa de ser um modelo de educação que atendeu a população jovem e adulta.

O tempo agora é outro e, mesmo com a revolução tecnológica, científica e até mesmo do pensamento humano, ainda é preciso refletir sobre uma educação que não esteja apenas ligada ao conteúdo, mas também à realidade e necessidade dos alunos que retornam ao ambiente escolar - e esse precisa mais do que nunca ser um espaço de acolhimento. Se pensarmos no início desse processo de construção de uma prática de ensino que buscasse atender um público alvo diferente daquele que as escolas estavam habituadas a receber, a realidade na década de 1960 era bem diferente, com alta nos índices de população analfabeta e que, portanto, não poderia sequer participar de eleições. Por isso foi necessário passar a refletir sobre a transformação social que o direito à educação poderia proporcionar, pois até hoje um sujeito só poderá exercer seus deveres e exigir seus direitos quando atua em sociedade e tem conhecimento da realidade a sua volta. A alfabetização passou então a caracterizar a busca pela nova realidade que se deu através de movimentos desenvolvidos para atender principalmente adultos dispostos a essa

nova fase e logo o ideal de alfabetização avançou por diferentes áreas do país, como o Movimento de Cultura Popular em Pernambuco e o Movimento de Educação de Base que se fortaleceu nos Centros Populares de Cultura e estava ligado à Igreja Católica. Em 1964 o então Presidente João Goulart lançou o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, um projeto orientado por Paulo Freire e com objetivo claro de alfabetizar cerca de dois milhões de pessoas através dos círculos culturais, mas que sofreu interferência com o Golpe Militar.

Os programas de alfabetização de adultos passaram a ser controlados pelo governo eo alcance e interesse diminuíram bastante. Em 1967 o país oferece uma nova tentativa de levar a população para a sala de aula com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que acabou sendo extinto nos anos 1980 - década essa que caracterizou uma nova forma de perceber a política e, portanto, os movimentossociais se fortaleceram e levaram jovens e adultos a retomarem não só a alfabetização mas também os anos seguintes de seus estudos. Para a educação de jovens e adultos os anos 1990 não foram de avanços, pois o governo federal não priorizou a pauta, mas Estados e municípios trabalharam para que a modalidade fosse ofertada em algumas de suas escolas com a organização de pessoal e recursos. Só em 2005 a preocupação com alunos adultos pareceu voltar às discussões e foi lançado o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de ensino para jovens e adultos, o PROEJA. Com foco na formação profissional e tecnológica, o programa concede formação técnica de nível médio em cursos de até três anos de duração, conforme a área ofertada.

Já o Programa Brasil Alfabetizado, lançado em 2015, chegou com a proposta de atender até 250 mil brasileiros jovens e adultos que não iniciaram ou concluíram as etapas de alfabetização, oferecendo a esse público uma nova possibilidade para retornar às salas de aula. Hoje está claro que ações como essas são garantidas quando regulamentadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional número 9394/96, quando define que a EJA atenderá alunos que não tiveram acesso ou que não puderam estudar na idade certa - tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Pensar sobre a EJA no país requer abordar uma diversidade de aspectos que participam dessa modalidade de ensino que se mostra cada vez mais necessária na realidade educacional brasileira. O patrono da nossa educação, Paulo Freire, talvez seja um dos grandes representantes da EJA, ainda

que não tratasse seu trabalho dessa forma. Mas foi com o desenvolvimento de sua educação popular, onde grupos de adultos experimentaram uma educação diferente e conduziram sua própria aprendizagem a partir de suas necessidades. Seria este um dos grandes exemplos da educação para adultos e jovens que não puderam concluir seus estudos na idade certa.

Se pensarmos na realidade atual ainda há o que discutir como por exemplo o currículo da EJA que ainda segue o mesmo modelo que é praticado no ensino regular. É possível comemorar alguns avanços, como a possibilidade de oferta de ensino presencial e à distância e a possibilidade de diminuir as desigualdades sociais quanto maior for o nível de escolaridade da população jovem e adulta. Essa é uma modalidade que pode trabalhar para que os alunos diminuam as distâncias entre quem são, o que pretendem para o futuro e o caminho a ser percorrido para alcançar seus objetivos. Mas para isso é necessário que se conheça a realidade desse sistema de ensino e que os aspectos externos à sala de aula sejam considerados, assim como as especificidades dos alunos e das turmas que participam.

A Sociologia, nessa modalidade de educação em especial, pode ajudar na busca por respostas que não só ajudem nessa compreensão mas também colaborem a um trabalho de reconexão de alunos e professores nesse período pós pandemia para que as instituições de ensino assumam seu papel social na formação humana. O período atual, onde as instituições de ensino estão trabalhando novamente de forma presencial após meses de pandemia que acarretaram em um distanciamento forçado das salas de aula, representa também a volta de jovens e adultos ao contato com o ambiente e a rotina escolar. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade de ensino que proporciona a chance de conclusão da educação básica, com acesso à educação e capacitação a quem, por diferentes motivos, não pode fazê-lo na idade certa.

Se a alguns anos essa modalidade era vista como uma chance de acesso a quem não conseguiu acompanhar o ensino regular por diferentes motivos, hoje é tratada como uma oportunidade, como um momento de restabelecer relação com a aprendizagem. Por isso este trabalho se propõe a pesquisar sobre o público da EJA, caracterizando-os e definindo quem e quais são seus objetivos, bem como o registro das consequências que a volta à sala de aula pode ou não provocar em cada um. Aspectos como a atenção e a importância à educação também serão

observados, além da postura coletiva frente às relações sociais que se estabelecem e são fortalecidas com a frequência escolar. A proposta aqui é analisar a Educação de Jovens e Adultos através de uma abordagem etnográfica – que ocorreu em função da Disciplina de Estágio de Docência I e que foi intensificada e ampliada no segundo semestre. Essa é uma metodologia bastante utilizada na Antropologia para coleta de dados a fim de estudar cultura e comportamento de um grupo em específico, como é o caso aqui, dos alunos regularmente matriculados na educação de jovens e adultos.

Por se tratar de análise de processos de interação social, a etnografia pode colaborar aqui, pois baseia-se na observação e levantamento de hipóteses onde eu, enquanto pesquisadora, poderei descrever minha visão e buscar interpretação dos dados e fatos. A observação participante é fundamental nesse processo, pois estarei presente no mesmo espaço que alunos e professores e, usando da experiência como educadora, será possível observar a realidade de sala de aula em aspectos necessários à compreensão do problema desta pesquisa para que as hipóteses lançadas sejam ou não comprovadas. Ainda que priorizada na Antropologia, a Sociologia também se utiliza da etnografia para compreender as relações socioculturais e comportamentais além dos saberes e práticas das sociedades ou de pequenos grupos, como as turmas de educação de jovens e adultos. A base do trabalho é a observação, a escuta de histórias de vida e os grupos focais, mas também serão analisados materiais como artigos, legislações vigentes e livros de autores pertinentes ao tema, incluindo *A Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire e *Educação e Sociologia* de Émile Durkheim – obra que faz uma ponte entre o trabalho do sociólogo e do pedagogo nos sistemas de ensino e traz provocações pertinentes quanto à estrutura educacional como conhecemos hoje.

Mas ainda é preciso conectar teoria e realidade para que a reflexão tenha sentido e seja apoiada em bases sólidas, por isso é fundamental que além de colocar em prática as estratégias de observação e pesquisa de referencial teórico também sejam ouvidos os agentes dessa modalidade de ensino. Serão então construídos e aplicados questionários a alunos devidamente matriculados e a professores regentes da disciplina na EJA no objetivo de compreender seu entendimento sobre a modalidade e a também sua relevância na vida prática – seja no trabalho, na família ou nas relações sociais. É fundamental refletir sobre o

trabalho pedagógico como um todo e, por isso, considerar também o papel de orientadores e supervisores que serão convidados a apresentar sua visão quanto à EJA e a realidade com a qual convivem – atividade que será proposta em entrevistas ou questionários, de acordo com a disponibilidade dos profissionais.

3.2 O APRENDER

Aprendemos desde que nascemos, quando, por instinto, procuramos o ar, choramos para manifestar a fome ou algum outro incômodo. Aprendemos diariamente e de diferentes formas. Os estímulos do meio e das pessoas com quem convivemos podem ser vistos até mesmo como nossos primeiros educadores, já que o comportamento do grupo ao qual pertencemos será um espelho de nossas ações. Dessa forma a sociedade interfere diretamente em nossa construção social e na relação com o outro, estabelecendo valores e regras sociais que são apreendidas ao longo do tempo e refletem inclusive na aprendizagem acadêmica. O estímulo ao desenvolvimento da aprendizagem pode ser uma prática comum ou vista como um castigo – depende da forma como o sujeito vive esse estímulo. E isso está diretamente ligado à relação professor e aluno e à rotina em sala de aula. De acordo com Zanella:

“Quando a referência situa-se a nível de sala de aula, enfoca-se as aprendizagens formais onde os eventos devem ser organizados, planejados e encadeados de tal forma que seja possível ao aprendiz vislumbrar coerência e significado no que deve ser aprendido. Nesta situação, ficam presentes, de um lado o professor – investido de sua competência, motivação e humanismo – e de outro o aluno – disposto a aprender, motivado, carente de aprendizagens. Professor e aluno são elementos unidos na busca de um objetivo comum: a aprendizagem, a evolução, o crescimento como pessoas, onde a superação de estágios menos eficientes leva a uma situação mais efetiva e com maior poder de funcionamento.”
(ZANELLA, p. 18, 1998)

Na escola não há professor sem aluno e vice e versa, mas pode haver aprendizagem mesmo que apenas um desses agentes esteja presente, pois aprendemos a qualquer meio e tempo e, mesmo que se busque conhecimento individualmente, haverá produção de conteúdo.

A aprendizagem faz com que a espécie humana evolua e busque sempre melhorar sua qualidade de vida e isso pode se refletir em áreas diversas ao mesmo

tempo em que a procura por respostas também abre caminhos para novos questionamentos. E, no caso dos alunos, a motivação para seguir em busca de respostas depende não só da curiosidade dos indivíduos mas também do papel do professor que faz da pesquisa uma prática comum ao seu ofício docente. Se o aluno percebe o professor como alguém que tem interesse em ouvi-lo e que poderia orientar na construção de um projeto que atende às necessidades de desenvolver novas construções que vão além daquilo que os livros didáticos trazem, é possível que o conhecimento seja compreendido como algo próximo e possível. O estímulo à aprendizagem pode fazer parte da sala de aula de tantas formas quanto for necessário e, se a motivação do educador está na ação de ensinar, no aluno deveria ser no aprender. Mas destaca-se aqui a aprendizagem significativa, aquele em que vê relação com sua vida ou área de interesse. Ainda segundo Zanella:

“As experiências em sala de aula que aumentam a auto-estima dos alunos favorecem a aprendizagem. Entre tais experiências podemos citar os êxitos obtidos pelo estudante, desde os alcançados nas tarefas diárias, provas, trabalhos, aprovações, conclusão de curso, até a qualificação profissional. O professor, por consequência, deve organizar o ensino de modo a proporcionar o máximo de sucesso ao aluno, o que depende, entre outras coisas, da consideração do nível de desenvolvimento dos aprendizes e de uma sequência curricular atenta aos pré-requisitos. Outra estratégia é o uso de reforços, como o elogio, aceitação das perguntas dos alunos, valorização de suas ideias, comentários positivos a respeito de seus trabalhos.” (ZANELLA, p. 107, 1998)

Aprender é algo que sempre foi inerente ao ser humano e faz parte de todos os momentos de nossas vidas e, ao ingressar na educação básica os alunos continuam com seus processos de aprendizagem, mas agora convivendo com o que se aprende também no espaço escolar. Aprender é necessário, às vezes doloroso mas sempre fundamental. Não há a opção de crescer sem aprender, mas sempre há a escolha sobre como a aprendizagem pode participar de nossas construções como sujeito e como parte de um grupo.

3.3 O ENSINAR

Ensinar é uma ação comum ao ser humano que convive em sociedade e é praticada, por exemplo, quando orientamos alguém a usar um caixa eletrônico, a

indicar a direção correta até um endereço ou mesmo quando explicamos as funcionalidades de um telefone novo. Ainda que a ação formal de ensinar seja associada apenas aos educadores, esta participa de nossas relações sociais quase que inconscientemente. Mas é fato que os educadores e profissionais da educação são aqueles que fazem do ensinar seu material de trabalho quando se propõe a desenvolver processos educativos junto a grupos de estudos.

É fato que o ensino nos espaços escolares depende de formação docente e da compreensão sobre como se aprende. A prática educativa, como afirma Paulo Freire, depende da relação entre teoria e prática e que a reflexão crítica sobre essa mesma prática participa de todo o processo, desde o início da formação docente. Para o autor, ensinar depende muito do que os alunos já sabem e, considerando e respeitando esses saberes, o professor colabora para a formação de um aluno crítico. Conforme Paulo Freire:

“Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de resposta a perguntas que não foram feitas. Isto não significa realmente que devamos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que o professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.” (FREIRE, p. 33 1996)

O acesso ao conhecimento é um direito de todos, mas a dedicação para o ensino acadêmico depende de fatores diversos – como a vocação e a compreensão sobre métodos e planejamentos. Cabe ao educador buscar conhecer seus alunos para que a educação não seja reduzida a depósitos de conteúdos onde o conhecimento pertence ao professor. Por isso que ensinar depende mais da postura do educador que do conteúdo a ser trabalhado, pois será através da atuação docente que os alunos poderão se identificar não só com o material de estudo, mas também com a pessoa que se dedica à ação de ensinar sem menosprezar a individualidade e o conhecimento de cada um de seus alunos.

Apesar de ser um direito garantido em nossa Constituição, a educação ainda

não é acessível a todos e, portanto, ensinar não é uma ação que alcança todos os alunos em idade escolar, o acesso à educação faz parte da formação social do indivíduo e de sua atuação consciente em sociedade.

4 A EXPERIÊNCIA DE UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

O ser humano não nasce, cresce ou se desenvolve sozinho. Aprendemos através da interação, do exemplo e da convivência com o outro – e isso segue por toda a vida, se pensarmos nas relações adultas. E isso é parte dos estudos de Durkheim (1952) quando apresenta o indivíduo como dependente da sociedade a qual participa, ou seja, é um círculo onde cada um tem papel específico junto aos demais. E com relação à aprendizagem a teoria ainda é complementada quando pensamos que os mais velhos ensinam os mais novos – retomando o pensamento sobre o desenvolvimento pelo exemplo.

Pensar sobre a educação e os processos de ensino e aprendizagem parece ser tarefa comum aos envolvidos nas rotinas escolares, mas analisar determinados aspectos dessas realidades talvez vá um pouco além dessa prática. E apresenta novas percepções, especialmente quando o pesquisador não é parte daquele espaço ou grupo.

A proposta deste trabalho envolve o reconhecimento do perfil do aluno da EJA e como as relações sociais se desenvolvem e se relacionam com a aprendizagem. Por isso, a metodologia de pesquisa precisou ser pensada de forma a atender a curiosidade sobre as realidades das salas de aula, mas não só através de dados estatísticos e sim compreendendo quem são os agentes envolvidos. A necessidade de descrever e, ao mesmo tempo, conviver com esses agentes explica a escolha por uma abordagem etnográfica que se caracteriza como investigação científica principalmente em pesquisas qualitativas. Nas palavras de Mattos:

“Grafia vem do grego graf(o) Significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um etn(o) ou uma sociedade em particular. Antes de os investigadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade eles escreviam todos os tipos de informações sobre os outros povos por eles conhecidos. Etnografia é especialidade da antropologia que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia e é forma de descrição da cultura material de um determinado povo.” MATTOS, p. 53, 2011.

E, nesse processo investigativo, tão importante quanto o grupo de pessoas a ser observado é o próprio pesquisador, que define o que será analisado a partir de um conhecimento prévio que envolve inclusive a cultura que diz respeito ao próprio

objeto a ser pesquisado. O pesquisador assume as rédeas do processo investigativo enquanto delimita aspectos que mais ou menos se relacionam com sua proposta inicial. A etnografia possibilita a compreensão de grupos específicos em determinados períodos de tempo, e o resultado desse trabalho depende do olhar do pesquisador que, além de observar e registrar, interage com os indivíduos sem interferir em suas rotinas. Pensando nessa fundamentação teórica sobre metodologia escolhida, se compreende o quanto a observação participante pode contribuir para entender as rotinas escolares e procurar respostas para questionamentos quanto às teorias de aprendizagem, mas que ainda estão muito distantes da vivência com a prática.

Os resultados de uma abordagem etnográfica estão diretamente relacionados à observação e sensibilidade do pesquisador ao longo do processo, pois tudo resultará em um registro sobre o que ninguém mais viu, ou como descreve Matos (2011), é a escrita do invisível. Pois a percepção individual do investigador também influencia na análise sobre a realidade observada.

Foi pensando nessa construção de hipóteses sobre o perfil dos alunos da EJA e suas relações entre si e com aprendizagem que foi se desenhando a observação participante em turmas do ensino médio na educação de jovens e adultos. E, em função da procura por instituições de ensino para realização dos estágios obrigatórios, pude conhecer um pouco da realidade das turmas de EJA no período da noite e, a partir de março do corrente ano, ao acompanhar alunos e professores a ideia de compreender melhor a importância do vínculo começou a se desenhar. Logo apresentei o esboço de um projeto à equipe diretiva e, sendo muito bem recebida desde o início, pude conversar com orientação, supervisão e professores para iniciar o trabalho. A prioridade, desde o início, foi acompanhar a rotina dos alunos em diferentes momentos na escola, mas sempre observando a relação com o outro.

O trabalho iniciou em junho de 2022 com observação de três turmas da EJA no período da noite em uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Porto Alegre. Até o final daquele semestre acompanhei pelo menos dois períodos semanais em cada turma, em diferentes disciplinas. No segundo semestre a opção foi por seguir o trabalho com a turma que passou do segundo para o 3º ano e que finalizou o ensino médio em dezembro de 2022 e que se mostrou aberta a participar da pesquisa. É claro que o apoio tanto da direção como orientação da escola foi

fundamental em todos os momentos, principalmente nas combinações com os professores ao longo dos semestres.

Ao longo do primeiro semestre pude observar as aulas e acompanhar as turmas em momentos como entrada, saída e lanche no refeitório. E esse período foi fundamental para começar a conhecer os alunos e suas particularidades - como a participação ou não em aula, a relação com colegas e professores e até mesmo quem permanecia até o final da aula. Quando iniciou o segundo semestre letivo chegamos à conclusão, em conjunto com a equipe diretiva, que seria interessante seguir acompanhando a turma que passou para o último ano do ensino médio. As observações foram semanais, intercalando períodos de aula entre segundas, terças e quintas-feiras para que aulas em diferentes disciplinas pudessem ser acompanhadas. Essa foi uma prática recorrente entre os meses de Agosto e Setembro. Em outubro, com a ausência de um professor, pude iniciar uma nova etapa, através de rodas de conversa com a turma que se estenderam por seis semanas. Em alguns encontros foi possível contar com todo o grupo e em outros apenas com um ou dois alunos que pediram para conversar apenas reservadamente.

4.1 SOBRE O RETORNO À ESCOLA

Para apresentar o resultado desse processo de observação participante e das rodas de conversa fez-se necessário que se delimitasse alguns aspectos relacionados ao tema inicial, pois a primeira consideração é que o aluno se expressa quando percebe que é ouvido, que tem atenção. Por isso as conversas sempre iniciavam considerando o retorno do grupo para sala de aula, para escola.

A realidade observada foi que, de um total de 28 alunos matriculados, a presença em média era de 15 alunos. Enquanto a maioria afirma que recebeu incentivo de pessoas próximas, como familiares e amigos, para que retornasse aos estudos, os dois alunos que solicitaram conversas reservadas deixaram claro que foram contra a opinião de suas famílias, pois sentiram necessidade de concluir o ensino médio para buscar melhor qualificação profissional.

Foi possível perceber que, em diferentes momentos de observações, muitos alunos chegavam apenas no segundo período de aula sob a justificativa de não liberação no trabalho - aspecto que foi discutido muitas vezes e que segundo os alunos faz com que muitos colegas desistam de seguir com os estudos. Não importa

se é por parte da família ou do local de trabalho, mas o incentivo para voltar a estudar, nas palavras dos próprios alunos, é fundamental. Segundo eles, não seria possível continuar estudando sem saber que alguém os apoia.

E como saber quem está retornando para salas de aula da Educação de Jovens e Adultos também é um dos objetivos desta pesquisa, foi possível perceber que entre as três turmas observadas a média de frequência está em 15 alunos - bem abaixo do número de matrículas a cada início de semestre. E entre eles, 53% tem entre 18 e 25 anos, 40% estão na faixa etária entre 26 e 35 anos e apenas 7% compreende os alunos acima de 35 anos. A mesma percentagem representa alunos que apenas estudam, ou seja, 93% conciliam vida profissional com o retorno para escola. As mulheres representam 66% dos alunos que frequentam as aulas e todas se identificaram como chefes de família com filhos e/ou outros familiares como dependentes. Quanto à raça, 44% se identificam como negros e desse total apenas um homem.

Quando conversamos sobre os motivos que levaram a deixar a escola na chamada idade convencional, os alunos foram unânimes em questionar quem define o que é essa idade. Segundo eles a realidade não deixou que continuassem na escola, mas isso é algo muito particular de cada um. Retomamos o tema em outros momentos e questões como a necessidade de trabalhar para ajudar a família, o desinteresse e gravidez na adolescência aparecem como justificativas ao abandono escolar. Em uma de nossas últimas conversas, uma das alunas pediu que o registrasse que agora ela entendia o que era a maturidade e que foi exatamente isso que faltou quando ela tinha 15 anos e via a escola como um castigo, uma tarefa que não tinha sentido cumprir.

4.2 SOBRE TRABALHO, FAMÍLIA E ESCOLA

A todo momento a vida fora da escola participa do que se constrói dentro da sala de aula. E isso ficou claro em muitas falas dos alunos sobre aprender a dividir seu tempo entre o que exige o trabalho, o cuidado e atenção à família e agora também a presença nas aulas e tarefas para casa. Essas questões geraram um debate sobre os aspectos positivos e negativos de todo o processo. Quando um colega afirmou que entendeu ser a hora de pensar nele e que precisava buscar algo que o fizesse

crescer, foi aplaudido pelos colegas. O grupo se identificou com essa fala e, ao mesmo tempo, compreendeu que não eram apenas trabalhadores, pais, mães ou filhos, mas que agora são também alunos mesmo sendo adultos.

Um pequeno grupo começou a apontar a falta de entendimento dos seus chefes, que parecem não querer que os funcionários estudem, pois não colaboram com os horários de saída. Segundo eles, ninguém está disposto a ter seu salário descontado ou perder algum período de aula e isso faz com que os alunos desistam. As questões familiares também podem interferir na continuidade dos estudos, como ficou claro em alguns relatos, principalmente das alunas. Três situações preocupam esse grupo e a mais comentada foi o afastamento dos filhos à noite, já que até então este era o momento em que as famílias se reuniam. Mas, ao mesmo tempo, todas relataram que os filhos se mostram orgulhosos e felizes ao verem as mães envolvidas com tarefas e trabalhos escolares - diferente da compreensão que maridos ou companheiros apresentaram e que em muitos relatos ficou claro que foi preciso seguir com os estudos apesar desta contrariedade. Não houve nenhum relato de proibição ou discussão, mas sim de questionamentos constantes sobre qual a necessidade de sair todas as noites para estudar.

Em resumo, os alunos sempre ouviram motivos e muitas justificativas para desistir mas resolveram seguir o que começaram por que, segundo eles, nenhum dos motivos era tão bom que os convenceu e, pelo que eles conheceram dos colegas que pararam de estudar ao longo do semestre, os motivos eram mais sérios. Uma aluna afirmou que cuidar de uma mãe doente era um problema real e bem diferente do ciúme de um marido. O grupo riu e concordou, afirmando que cada um sabe da sua vida e que também sabem da sua realidade e do que podem ou não fazer.

4.3 SOBRE SER E TER COLEGAS

O gatilho para iniciar a conversa sobre o que é um colega foi o relato de um dos alunos mais novos do grupo quando afirmou que nunca imaginou que voltaria a ter colegas de escola. Para ele e outros que concordaram, pensar em colega de aula sempre pareceu estar relacionado a uma imagem de crianças e não de adultos. Mas, ao mesmo tempo, agora já se via como uma pessoa com colegas e que gostava de ser chamado de colega pelo restante da turma. Quando perguntei o que isso significava, ele respondeu que o dicionário explica do jeito certo, mas que ele

entendia que o colega respeita e ajuda o outro. Enquanto um falava, outros já pesquisavam o significado da palavra e gritavam que seria aquele que é um companheiro de estudos, mas não foi essa definição que explicou o que significava para a maioria da turma, pois comentaram que parecia muito pouco perto do que eles entendiam. Duas alunas discutiam o significado e pediram para tentar explicar e, em suas palavras, um aluno pode assumir o compromisso de estudar, mas quando esse aluno vira colega o compromisso também é com os outros que estão na mesma sala. Outros alunos complementam que estão aprendendo a confiar uns nos outros e parece que esse é um movimento normal dentro da escola.

São relações que estão em construção, e que parecem, pela fala dos alunos, ser bem diferentes do que eles vivenciam fora da sala de aula. O grupo foi unânime em afirmar que o conjunto da turma é diferente, tem divergências em muitos aspectos como religião, política e até mesmo a torcida por algum time de futebol, mas estão ali com uma mesma meta, que é a formatura. E chegar até o final do curso não é possível, de acordo com as mesmas alunas que iniciaram a discussão, sem o apoio de quem entende como pode ser difícil voltar a estudar. Por enquanto essa relação de parceria está na escola, mas como outro aluno afirmou, ninguém sabe como será depois, então se a amizade for verdadeira pode durar muito mais do que o tempo na escola.

Questionados sobre se a forma como se relacionam pode interferir na aprendizagem, todos concordaram que só podem frequentar a escola quando tem pelo menos uma pessoa em quem confiam. O aluno mais jovem disse que nem imaginava ter colegas perto de 50 anos, mas agora sabe que eles não são diferentes dele e só querem estudar e complementa que ninguém vai aprender sozinho, então ter um colega de verdade significa aprender melhor. Um dos alunos que pedia para falar apenas reservadamente pediu para explicar que ele tem medo de falar alguma coisa errada durante as aulas, mas que agradece por estar em uma turma que nunca o julgou e, a partir daquele momento, todos os alunos participaram das rodas de conversa ao mesmo tempo.

4.4 SOBRE APRENDER E CONSTRUIR RELAÇÕES EM SALA DE AULA

Em todas as oportunidades de conversa com a turma do 3º ano da educação de jovens e adultos ficou muito claro que a relação entre os colegas ocupavam um

espaço importante na forma como cada um lidava com a escola. Mas, como a grandeza da aproximação entre os colegas foi um dos temas mais citados em diferentes oportunidades - e isso chamou atenção desde o início do período de observação, se faz necessário dar espaço às falas dos alunos

Em uma de nossas primeiras conversas a classe ainda estava organizada de forma tradicional, com fileiras de alunos mas, com o passar do tempo percebi que pequenos grupos estavam se formando e a turma ganhava novas características. As ações e falas individuais foram substituídas por representações coletivas e relatos de grupos que estão em contato também fora da escola. E essas relações que se iniciaram a partir da necessidade de busca por apoio dos colegas parecem tomar proporções que vão além dos grupos de estudos e um exemplo foi quando conversamos sobre a nova organização da sala a turma riu e explicou que antes dos professores pediam que eles falassem mais e que agora pedem que eles parem para ouvir as explicações. Um dos alunos completou explicação justificando que quando as pessoas se conhecem estão felizes por estar perto de quem confiam pode ser muito bom, mas também acabam atrapalhando o trabalho do professor. Uma aluna seguiu afirmando que eles estão mais próximos e falando mais, mas que não acredita que alguém ali deixou de aprender por isso - ao contrário, defende a ideia de que estão se sentindo bem na escola e isso ajuda muito o grupo.

Assumir o papel de colega com todas as características positivas apontadas pelos próprios alunos parece ser uma condição que ajuda a compreender melhor as aulas. Essa foi uma afirmação minha em nosso último encontro e, assim, questionei o grupo sobre como isso se aplica à realidade deles. No primeiro momento o grupo pediu que eu repetisse e alguns apenas balançaram a cabeça positivamente. Dois alunos pediram a palavra, sendo que o primeiro apenas relatou que concorda, mas que não vê necessidade de toda a turma estar sempre com as mesmas opiniões. O outro colega também concordou e complementou a resposta anterior afirmando que ninguém precisa concordar com outro e que ser colega significa respeitar isso. Sobre a relação com a aprendizagem, uma aluna acredita que para aprender o aluno precisa se sentir bem e se estiver próximo de amigos pode aprender bem mais. Logo em seguida outra aluna complementou que essa boa relação começa com os professores, pois podem até não gostar de alguma disciplina, mas se o professor estiver disposto a ajudar e se aproximar mais dos alunos tudo pode ficar mais fácil.

A turma compreende que depois de tantos meses convivendo hoje está bem

mais próxima e isso ajuda sim na hora de aprender, mas que ao mesmo tempo cada um precisa fazer sua parte. Sempre aparecem obstáculos mas, de acordo com os alunos, o apoio dos colegas pode ajudar a passar por cada um deles e ninguém mais vai precisar desistir. Tópicos como o trabalho e a família foram recorrentes, com exemplos vivenciados por eles – incluindo as negações para as festas nas sextas-feiras e à noite em função do compromisso com a escola. Mas a maior responsabilidade continua sendo de cada um que, adulto, procurou uma nova oportunidade de finalizar seus estudos na educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as oportunidades de pensar sobre a educação nacional devem ser aproveitadas em benefício daqueles que participam das realidades tão diversas que convivem em salas de aula por todo o território brasileiro. E entre estas realidades está a educação de jovens e adultos, a EJA, que tanto já se discutiu, que tanto já se pensou mas que ainda é carente de recursos, formações e políticas públicas que, além de garantir a oferta de vagas de ensino, também colaboram para a permanência dos alunos. Mas para chegar a esse nível de comprometimento com uma modalidade de ensino que reflete a falta de incentivos por parte de nossos governantes, faz-se necessário compreender o público a que se destina - e esse foi um dos objetivos que participaram da construção desta pesquisa. Afinal, para conhecer a realidade é preciso saber quem participa dela, quem atua diariamente e a quem se destina essa modalidade de ensino cada vez mais importante no desenvolvimento do cidadão brasileiro. Saber quem é o aluno matriculado hoje na educação de jovens e adultos é fator primordial para pensar na realidade e no que precisa ser feito ainda para que o ensino continue sendo ofertado e também possa alcançar um maior número de alunos.

Se há vinte anos uma experiência pessoal comprovou que o público das salas de aula da EJA era formado, em sua maioria, por alunos mais velhos, com idade superior a 40 anos, a vivência em salas de aula ao longo do ano de 2022 mostrou um caminho inverso onde a maior parte dos alunos matriculados e frequentes tem entre 18 e 25 anos. Com essa informação, a primeira consideração a se registrar aqui é tendência a mudança do perfil do aluno que procura vaga em cursos de formação de adultos, ou seja, são alunos que retornam às salas de aula após curto ou médio período afastados da escola.

São estudantes que precisarão dedicar seu tempo ao trabalho, aos cuidados com familiares ou que então não viam significado na escola e consideram essa uma obrigatoriedade desnecessária em uma época nem tão distante. Mas o tempo passou e a necessidade de buscar a conclusão dos estudos, seja por motivos profissionais ou por realização pessoal, fez com que procurassem uma modalidade de ensino um pouco diferente daquela que estavam acostumados. Pelos relatos dos alunos a boa relação entre os alunos colabora para a permanência na escola em função da flexibilidade e da compreensão de colegas e professores com situações possíveis na

vida de um aluno adulto. É claro que há motivos de preocupação, como aprender a conciliar trabalho, família e escola sem prejuízo de nenhum dos lados - mas esta é uma tarefa que, pelos relatos dos próprios alunos que participaram da pesquisa, pode ser feita quando os alunos começam a se apoiar uns nos outros e quando a própria escola trabalha para que eles continuem estudando. Isso significa ouvir o aluno, mostrar interesse aos motivos das faltas e oferecer apoio quando percebem que o aluno quer seguir até o fim.

É possível que uma das palavras mais ditas ao longo dos meses em que o trabalho foi mais próximo das turmas tenha sido “apoio”. Saber que podem contar com o outro, que estão em situações muito parecidas e, ao mesmo tempo, tão diversas pode ser visto como um alento dentro de um universo que até então era desconhecido e provocava, como os próprios alunos relataram, sentimentos relacionados ao receio de voltar para sala de aula e de conviver com pessoas que até então não conheciam. Em muitas de nossas rodas de conversa ficou claro que aqueles alunos, ainda que adultos, também chegavam até a escola com medos e inseguranças - seja sobre professores e conteúdos, mas também sobre os outros colegas que encontrariam em sala de aula e a forma como todo trabalho seria conduzido. Esse aluno que retorna na idade adulta chega com uma imagem muito tradicional do espaço escolar, considerando ainda o professor como a base de toda aprendizagem e colocando nele toda carga de conteúdo que pretende aprender. Mas aos poucos perceberam que a EJA tem objetivos diferentes e os alunos não tem apenas o direito, mas sim o dever de também buscar construir suas próprias de aprendizagem e relacioná-las com a sua vida fora da escola.

A confiança não foi estabelecida de uma noite para outra, mas foi sim um processo construído ao longo dos meses e que iniciou em pequenos grupos que se formaram a partir de afinidades aparentes mas que se estenderam por toda a turma. Como o trabalho se aprofundou em uma turma de 3º ano do ensino médio, foi possível registrar a mudança de comportamento de cada um dos integrantes e perceber que aspectos como as conversas paralelas, as brincadeiras sobre jogos de futebol ou discussões sobre discordâncias de avaliações de professores passaram a ficar mais presentes e isso fez com que, apesar das diferenças, a turma buscasse o bem coletivo. E isso se relaciona diretamente com outro aspecto fundamental para este trabalho, que diz respeito às relações sociais construídas em sala de aula e como podem ou não interferir na aprendizagem. Pensemos no ser humano como um todo e no fato de que

aprendemos desde que nascemos, principalmente pela observação. Somos seres não individuais, que dependem um do outro para crescer e se desenvolver mas, que ao longo do tempo, também repassamos nosso conhecimento aos mais próximos - E isso acontece de forma espontânea e até inconsciente. Quando convivemos com outras pessoas em um mesmo espaço, como uma sala de aula, por exemplo, é possível que exista uma troca entre esses sujeitos. Pensamentos e opiniões podem iniciar um processo de construção de uma relação social nova, talvez inesperada, mas que passa a fazer parte da rotina escolar.

Os alunos passam a ser colegas, a entender a dificuldade do outro, a buscar apoio e trabalhar empatia nas relações sociais com os demais colegas. As falas dos alunos adultos durante as rodas de conversa deixaram claro que frequentar as aulas não é apenas aprender o conteúdo, mas também compreender quem são as outras pessoas que estão naquele mesmo lugar e como uma acaba fazendo parte da vida da outra ao longo dos meses. E quando questionados sobre aprender sozinho e aprender com o apoio daqueles em quem confiam dentro da sala de aula, a resposta foi a mesma para toda turma: aprender em um espaço que estamos com quem gostamos e confiamos é muito melhor e bem mais fácil. E isso, ainda pela fala dos alunos, diz respeito também aos professores e toda a equipe da escola, pois quando se sentem acolhidos perdem o medo do julgamento, o medo de falar, de perguntar e até de errar.

Conclui-se então que o adulto sempre poderá voltar a ser aluno e, ainda que possa aprender sozinho, o apoio e a relação que se constrói dentro de uma sala de aula serão fundamentais para o sucesso de um processo de ensino e aprendizagem. Como os próprios alunos relataram, antes de mais nada precisaram aprender a ser alunos novamente, a se colocar no papel de iguais que estão ali em uma sala de aula com um objetivo muito parecido. E depois disso perceberam que a maior construção que poderiam fazer seria a troca com outro e, a partir disso, os pequenos grupos se transformaram em uma turma de verdade, com opiniões e divergências, mas ao mesmo tempo com muito respeito tanto entre os iguais quanto entre os diferentes. A fala de um aluno reflete o resultado de meses acompanhando o grupo quando diz que sempre aprendeu sozinho, mas pela primeira vez entende por que aprender com os outros pode ser tão mais fácil, já que as dificuldades são as mesmas e dentro da sala de aula eles não se enxergam diferentes de ninguém.

A construção com alunos e equipe diretiva foi tão significativa que, ao final do semestre, recebi o convite para assumir a disciplina de Sociologia nas turmas de

Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos. Atualmente estou na direção de outra escola da rede, portanto não há certeza sobre a possibilidade dessa mudança de área, mas ainda assim é impossível mensurar o tamanho desse convite e o quanto me alegra saber que o trabalho desenvolvido junto às turmas foi significativo também para os alunos – o motivo maior para a conclusão dessa graduação e a construção dessa pesquisa.

Ao final da pesquisa, ficou claro que este pode ser o início de um projeto que se dedique às relações sociais atuais na educação de jovens e adultos e que pode servir de base para novas investigações quanto ao vínculo estabelecido em sala de aula também no que se refere aos professores dessa modalidade de ensino. A EJA, com suas particularidades, fornece subsídios para compreensões que vão além do conteúdo quando se relacionam com a figura humana – e isso ainda precisa ser observado a fim de complementar as informações aqui registradas. O campo de trabalho é amplo e merece todo e qualquer registro possível para que todos os envolvidos nesse processo de ensino e também de aprendizagem sejam beneficiados com dados consistentes e até mesmo experiências que resultaram em boas práticas dentro dos espaços escolares da educação de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens - adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio. (org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 2. ed.
- ARROYO, Miguel González. Passageiros da noite. Do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 939496, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja. Brasília: MEC, 2005. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/proeja> Acesso em 15 de Dezembro de 2022.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. Sociologia: Introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 3. ed. 2005.
- DI PIERRO, Maria Clara. Os desafios para garantir a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/114/os-desafios-para-garantir-a-educacao-de-jovens-e-adultos>> Acesso em 24 de outubro de 2022.
- DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. SP: Editora Melhoramentos, 1952.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HADDAD, Sergio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. Rev. Bras. Educ. [online]. 2000, n.14, pp.108-130. ISSN 1413-2478.
- LUCENA, Carlos. O pensamento educacional de Émile Durkheim. Campinas, Revista HISTEDBR On line, número 40, dezembro 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83
- ZANELLA, Liane. Aprendizagem: uma introdução. In: Psicologia e Educação: O significado do aprender. Org. Jorge La Rosa. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.